

O Pivô da aprendizagem

Neuda Alves do Lago¹

Livro: *Semeando a interação: A revisão dialógica de textos escritos em língua estrangeira*

Autor: Francisco José Quaresma de Figueiredo

Editora: Ed. da UFG

Goiânia, 2005

Uma das consagradas tendências mundiais na área de ensino e aprendizagem de língua estrangeira – a interação – é tratada com seriedade, autenticidade e pragmatismo neste livro. A imagem da capa, de um trabalho de colheita coletivo, evocado pela *Vinha vermelha em Arles*, de Van Gogh, estabelece o campo metafórico da construção simultaneamente individual e coletiva, em que se constitui a ação interativa.

Ao focalizar o ensino de língua estrangeira, a interação é às vezes tratada tanto como o meio quanto como o fim desejado. Pode referir-se à troca de idéias entre dois ou mais participantes do processo, e várias metáforas são utilizadas para se referir a ela, tais quais: é o pivô sobre o qual a aprendizagem de língua gira; é a camada mais aparente do uso da língua; é a medida do sucesso ou fracasso da aprendizagem; é o processo-chave para a gestão da aprendizagem; é facilitadora e a chave para a aprendizagem.

Alguns mais entusiastas defendem que a interação “é a própria aprendizagem” da língua. Sob este último prisma, mais do que a prática do conhecimento lingüístico obtido, a interação é vista como o processo no qual o conhecimento lingüístico e a habilidade lingüística são desenvolvidos.

A perspectiva tratada no livro é a de interação como “o conjunto de oportunidades criadas para que os alunos comuniquem-se uns com os outros ou com o professor na língua que estão aprendendo” (p. 17), que é claramente a posição dos profissionais comprometidos com a abordagem comunicativa de ensino de língua estrangeira. O enfoque é dado à interação em um estudo feito sobre a correção colaborativa de erros em textos escritos dos alunos.

Figueiredo assenta como *background* do estudo a teoria sociocultural de Vigotsky e seus colaboradores que trata de desenvolvimento mental e aprendizagem. Para o psicólogo russo, aquele está em básica relação de dependência com a interação social e com o uso de ferramentas propiciadas pela cultura de cada indivíduo. O funcionamento mental, para ele, é um processo mediado, e haveria três formas pelas quais as ferramentas culturais poderiam ser passadas de um indivíduo a outro: primeiramente, a aprendizagem por imitação; em segundo lugar, a aprendizagem por instrução de um professor; em terceiro lugar, a aprendizagem colaborativa, que resulta do esforço conjunto de um grupo de pares. Assim, o desenvolvimento intelectual ocorre na participação em grupos específicos, dentre eles o grupo de colegas.

Sobre esse pano de fundo, Figueiredo desenvolveu um trabalho de correção de erros em que os alunos, em pares, eram os sujeitos ativos, numa proposta inovadora frente ao modelo largamente disseminado de correção centrada no professor, com apontamento passivo de erros, os quais, quando muito, são lidos pelos alunos.

¹ Professora de literaturas em língua inglesa da Universidade Federal de Goiás – Câmpus Jataí. Doutora em Letras, com foco na lingüística aplicada ao ensino de literaturas em língua inglesa.

Esse é um dos marcos distintivos do livro: o autor apresenta uma proposta concretizada de interação numa área em que a passividade discente tem reinado suprema, por séculos, na história da educação. Esse modelo conservador não tem apresentado, segundo o autor, resultados muito satisfatórios, dada a grande dificuldade na escrita vivenciada mesmo por alunos de cursos superiores, entre os quais desenvolveu sua pesquisa.

Conforme explicitam Vêncio e Pachane (2007), “há muito temos convivido com a falência das produções textuais dos alunos de maneira geral, isto desde as primeiras séries do ensino fundamental. Como estes problemas não são resolvidos em seu nascedouro, o que ocorre quando estes alunos chegam ao ensino superior é lamentável, para não dizer, dramático”. Foi o lidar com esses problemas na escrita em língua inglesa no curso de Letras que motivou o autor a buscar uma forma de solucioná-los.

A importância do trabalho de Figueiredo é atestada pelo lugar privilegiado da escrita no mundo acadêmico: todo o sistema escolar funciona com base no código escrito (Trindade, 2008). Na área de línguas estrangeiras, embora se dê ênfase ao desenvolvimento das chamadas quatro habilidades básicas, a escrita ainda desempenha papel preponderante, basta verificar o percentual das notas bimestrais a ela atribuído.

Dividido em quatro capítulos ao longo de suas 250 páginas, *Semeando a interação* inicia com uma exposição primorosa dos estudos acerca da escrita em língua estrangeira, seguida de um capítulo teórico específico sobre as vertentes centrais do tratamento de erros e tipos de correção. No terceiro capítulo, o autor apresenta com detalhes o processo realizado de correção com os pares, um tesouro em se tratando de uma forma de correção que não é “habitualmente utilizada em sala de aula, no contexto brasileiro” (p. 207).

Os exercícios propostos ao final desses capítulos estabelecem um cenário instigador para discussões profícuas e aplicação específica dos temas tratados. Na conclusão, são tecidas considerações altamente relevantes acerca do processo de correção em língua estrangeira, visando a um papel mais ativo a ser atribuído ao aluno.

A riqueza da interação experimentada pelos alunos, envolvendo a negociação oral no trabalho de revisão escrita de 1.276 erros, constitui-se numa das pérolas do livro. As quatro habilidades foram trabalhadas, simultaneamente, em quatro atividades, ao longo de um semestre, e os alunos desempenharam um papel de liderança na condução do processo, visando ao aprimoramento de seus textos. A eficácia da correção dialogada é explicitada no trabalho, mostrando o conseqüente amadurecimento dos alunos como aprendizes, capazes de refletir e buscar as melhores formas de superar suas limitações.

A polifonia presente no livro manifesta-se, inicialmente, na cuidadosa e bem elaborada fundamentação teórica apresentada nas áreas envolvidas na pesquisa. Indo além, Figueiredo nos oferece uma visão plurissignificativa do processo de revisão de textos escritos, na medida em que o leitor pode ouvir, aliadas às reflexões do pesquisador, as percepções dos alunos e da professora – agentes do processo em questão, cujos discursos são profundamente esclarecedores da complexidade do tema tratado.

Professores, alunos e pesquisadores dessa área certamente se beneficiarão grandemente da leitura do livro. As sementes lançadas pelo pesquisador redundaram em flores que, mais do que um bom guia para a promoção da autonomia discente na escrita, primam pela consideração holística, aí compreendidos os fatores afetivos, dos aspectos envolvidos na aprendizagem da escrita como processo, não como produto.

REFERÊNCIAS

VÊNCIO, I. A. F.; PACHANE, G. G. “Armadilhas textuais na educação superior: a coesão na produção escrita de universitários”. *Anais do 16º COLE – Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas: Unicamp, 2007. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem12pdf/sm12ss07_02.pdf>. Acessado em: 22 de abril de 2008.

TRINDADE, A. P. P. “O Processo histórico da escrita e sua importância na formação do sujeito”. *Planeta Educação*, GEPI Online, 2008. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/novo/gepi/processo_historico_da_escrita.pdf>. Acessado em: 20 de abril de 2008.